

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

FUNDADA POR VALENTIM MAGALHÃES

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 25 DE FEVEREIRO DE 1888
DIRECTOR—L. CABRAL

VOL. IV—N. 162

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Drs. Franklin Tavora, Augusto de Lima,
Urbano Duarte,
Lepoldo Cabral e Candido Jucá

GERENTE

Ismael Marinho Falcão

SUMMARIO

| | |
|--|-------------------|
| Expediente..... | |
| Historia dos sete dias..... | Gêbê |
| Estancias philosophicas..... | Augusto de Lima |
| Escriptores do Norte do Brazil..... | Franklin Tavora |
| Serenate, e Recordação poesias..... | Vera de Suckow |
| Força velha..... | Araripe Junior |
| Força e matêria, soneto..... | E. de Carvalho |
| A corte vista de fóra..... | Ali |
| Mãe, poesia..... | Alberto Silva |
| Um primitivo..... | Domicio da Gama |
| Questões de estylo..... | Candido Jucá |
| Bucolica, poesia..... | Carlos Coelho |
| O louco..... | Lahore |
| Amor perfeito, poesia..... | Coelho Lisboa |
| Na roça..... | Virgilio Varzea |
| Luto do céu, poesia..... | Guimarães Passos |
| Theatros e diversões..... | |
| Flava dea, poesia..... | E. de Menezes |
| Factos e noticias..... | |
| Ella e o céu, soneto..... | J. Moraes e Silva |
| Perdida, soneto..... | José Dias |
| Diversas publicações..... | |
| Anuncios..... | |

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NICTHEROY

| | |
|---------------|-------|
| Semestre..... | 48000 |
| Anno..... | 88000 |

PROVINCIAS

| | |
|---------------|--------|
| Semestre..... | 58000 |
| Anno..... | 108000 |

A empreza roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha.

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:

Dr. Virgilio Brigido e J. J. de Oliveira & C., no Ceará.

J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes, na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterto.

F. Xavier Marquês, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's psssoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem

assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idyllios*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adeliná A. Lopes Viera.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza

HISTORIA DOS SETE DIAS

Quando, ha cinco ou seis dias, eu li num quarto de pápel entregue a esta redacção, a noticia de que no dia seguinte casava-se em Barra-Mansa, o meu amigo Arthur Mendes, confesso que fiquei verdadeiramente admirado, não porque em si fosse admiravel o facto de casar-se o meu amigo, mas porque, sendo, como é, o Arthur Mendes um rapaz extraordinariamente cortez e delicado, causava-me estranbeza que realizasse o acto mais sério que possa occorrer na vida do homem, sem que se tivesse ao menos lembrado de dirigir-me um cartão, um simples cartãozinho.

Desculpa não haveria para um tal acto, e eu me dispuzera já, não a romper abertamente com elle as boas relações que sempre mantivemos, mas a conservar-me frio, affastado...

Em tempo, porem, veio elle proprio desmanchar a duvida que a seu respeito começara eu a nutrir, publicando em o *Novidades*, uma refutação a tai noticia, e desculpando-se para com os amigos.

Comquanto tenha em breve de deixar-se prender pelo «indissolavel», comtudo ainda não se casou o ex-secretario desta folha, e um dos seus melhores amigos.

Pois que se referiu aos que o estimam e consideram, eu, como um desses, envio-lbe daqui, alem dos meus parabens, um abraço apertadissimo.

Outro casamento desfeito, mas esse verdadeiramente desfeito, é o do principe D. Pedro. Conforme o que dizem telegrammas, o pai da noiva aceitava o casamento, porem com restricções. Quaes seriam ellas? Que o imperio do Brazil se compromettesse a enviar-lbe todos os annos metade da sua produção de café? Que foase declarada immediatamente a abolição da escravatura no imperio? Que o Sr. Barão de Cotegipe fosse deposto do alto cargo de

presidente do conselho e nomeado para substituil-o o Barão de Cayapó? A esse respeito na da nos dizem as communicções telegraphicas. O que estas nos asseguram é que, não só o quasi uoivo como o seu augusto a rô, não aceitaram as condições, o que me leva a crêr terem sido ellas exhorbitantes.

Não se afflija, porem, o illustre principe: não faltarão por lá princezas que ardentemente o desejem para esposo. Uma perdida, corresponde a cem outras que o procurem.

Princezas d'alem mar! Ha em disponibilidade a mão de um principe, e moço e bonito; recorreí aos vossos mais seductores sorrisos e prendei-o, bem junto, bem juntinho de vós, que, pelo bem que faremos ao coração de uma de vós outras, nos consolaremos da perda do nosso querido principe.

Não é pequena a proporção de surdos-mudos existentes no Brazil. Eleva-se a 12.000 o numero delles, conforme li n'um dos nossos diarios. Para a população deste imperio, que é mais ou menos de 12 milhões, corresponderá aquelle numero á porcentagem de um por mil.

Como, ha, porém, uma lei natural das compensações, cada um desses que ouvem tem ouvidos por dez, e cada qual dos que faltam tem lingua por vinte, o que dá a favor destes uma superioridade de 50 por cento sobre aquelles. Effectivamente, honra nos seja, que o que não nos faltam são ouvidos para ouvir tudo, e lingua para contar tudo e alguma coisa mas...

Para mim o Sr. Cesario Alvim é um homem de muito talento, e um politico muito sympatbico. Não se infere d'ahi, comtudo, que eu acredite piamente na sinceridade de todas as expressões de sua ultima circular dirigida ao povo mineiro: não acredito.

O illustre deputado quer ser suffragado na eleição senatorial, para ter de seus patricios uma prova de confiança. Para que mais? Não está sufficientemente provado que S. Ex. tem influencia na provincia? As duas eleições ultimas para a vaga de senador não o demonstraram á evidencia? Depois, a asserção de S. Ex. de que a attitudo das camaras municipales de S. Borja e etc., demonstram a tendencia que se vai accentuando de dia para dia, da urgente necessidade de uma reforma constitucional, não é uma affirmação verdadeira. Essa attitudo pôde não exprimir até senão uma subtiliza politica. S. Ex. pôde, entretanto, comprometter-se perante os seus eleitores a pugnar por uma *constituante*, na camara dos deputados, sem que possa garantir ser essa uma aspiração geral.

Antes de tudo, o candidato á vaga senatorial, e poia que affirma não desejar um lugar de renda vitalicia, deve combater na camara a vitaliciedade do se-

nado, para não ser obrigado a, quando lá entrar, supportar aquelle encargo pesadissimo a vida inteira.

Agora, ouça o leitor: o politico tem por norma dizer sempre metade do que sente, ou, e este é o caso mais commum, afirmar sempre o que não sente.

O que nunca lbe acontece é o que succedia áquelle pobre pai que se queixava dos filhos, dos quaes dizia que:

José não diz o que sabe

E João não sabe o que diz.

Não; o politico sabe perfeitamente o que diz, e diz unicamente o que sabe, e o distincto deputado mineiro é um babil politico.

O que eu queria é que me dissessem com franqueza: haverá alguém que, tendo diante de si a perspectiva de 75% (setenta e cinco!) por dia, e enquanto viver, vá fazer barulho para restringir esse prazo, rodzil-o a 10 annos por exemplo? E porque? Não me fallem em patriotismo, que isso só existe... na lingua. Por amor da gloria? Não o creio, porque, em geral, a gloria dos estadistas e oradores não tem nascido nunca do senado: vem já da camara dos deputados. Então porque é? Pelo simples goatinho de ser senador, e ter honras de principe? Pois bem, que se faça uma coisa: as honras de principe continuarão a pertencer ao senador, e esse emprego passará a ser gratuito, revertendo o enorme subsidio que é distribuido com o areopago da rua do Areal, em favor de uns tantos pobres empregados, que trabalbam o dia inteiro, e que não chegam a ganhar por mez, o que cada um dos pais da patria ganba por dia. Faça isso e eu quero ver quantos serão os candidatos ao logar... Ora, senhores, sejamos francos: é muito bom ser senador, mas muito melhor é metter no bolso os setenta e cinco mil réisinos por dia...

Eu confesso, que, por mim, desprezava gloria, *constituente*, politica, se me dessem 75%... de dois em dois dias.

No dia 28 do corrente termina o prazo para apresentação de planos de *salvavidas* applicaveis aos bonds. O illustre Sr. ministro da agricultura parece querer tomar a serio esta questão, que é importantissima. Eu o felicito em nome da integridade das pernas e braços de todos os habitantes do Rio de Janeiro. Antes tarde que nunca.

Leitor amigo e bondoso — Não pude dar-te uma historia cheia de enredo, em que andassem em jogo o punhal, o revólver ou o verde-Pariz, porque não houve, na semana que finda, nem um simples suicidio, nem um assassinato qualquer. Não está de certo ao ten paladar a chronica, bem aei; mas releve-me desta vez, que, para outra, eu quasi que te affirmo que vais ficar cheio de jubilo.

GEVÊ.

ESTANCIAS PHILOSOPHICAS

DO ALBUM DE UM PESSIMISTA

I

Vae sepultar se alguém: ao feretro que encerra
os restos, rola o pó no derradeiro abrigo.
Os amigos em côro exclamam: « Pobre amigo,
seja-te a terra leve! » E atiram-lhe mais terra.

II

Triste contradicção que um tribunal degrada!
Si o direito, afinal, na egualdade descansa,
porque a justiça, pois, pintaes com a balança,
tendo junto á balança uma sinistra espada?

Ou incendiado em ira, ou de animo sereno,
um julgamento arranca um ai! sempre aos vencidos;
são a halaucha e a espada os symbolos unidos
da decisão de Brenno!

III

O homem tem o direito, a fêra tem os dentes;
mas pela mesma lei rege-se a Natureza:
o homem e a fêra vão, no ataque ou na defeza,
vertendo em seu proveito o sangue aos outros entes.

Suga o seio materno a boquinha vermelha
da creança, a formiga uma colmeia invade.
Pois não é sempre o sangue, embora a variedade,
ou no leite materno ou no favo da abelha?

AUGUSTO DE LIMA.

Escriptores do Norte do Brazil

DR. A. GONÇALVES DIAS

(Conclusão)

Foi um periodo de vasta gloria para o auctor do *Canto do Guerreiro*, o qual, bem longe de trepidar, e muito meuos emmudecer, deslisa cada vez mais suavemente no sulco deixado pelo ar-roio estanque, onde elle fez apparecer a copiosa lymphá. O seu gentil poemeto *Y-juca-pirama* onde se manifesta uma intuição historica e um conhecimento da vida nas aldeias selvagens que verdadeiramente encantam, circulou nas rodas litterarias, merecendo applausos que o tornaram uma das suas mais populares produções. Seguiu-se-lhe o poema — *Os Tymbiras*, cujos quatro primeiros cantos viram a luz em Leipsig (1857), e cujos ultimos (oito) ficaram sepultados com o poeta no oceano, perto da sua amada provincia. Convem notar que o poema *Tymbiras* não foi suggerido a Gonçalves Dias pelo apparecimento da *Confederação dos Tamoyos*, conquanto este sahisse a lume pouco tempo antes daquelle. Nas rodas litterarias era sahido que o poeta maranhense de ha muito trazia entre mãos uma vasta epopéa « com que pretendia cimentar as bases da litteratura nacional, uma como *Illiada*, ou pelo menos uma epopéa em nada inferior á do bardo da Caledonia nem ás *Nibelungen germanicas*; e si não publicou de uma só vez o seu

trabalho, é porque distrahido com varias commissões de que o incumbira o governo, não dispoz de tempo necessario para polir os ultimos cantos.

Mas o indianismo não se limitou ao verso. Longe disso, invadiu os serenos dominios da prosa; e tanto no primeiro como no segundo caso, as produções apparecem sob varios aspectos. Ora revestem uma forma totalmente selvagem, recompondo, pela intuição critica auxiliada pelas chronicas portuguezas, a vida pre-historica nas aldeias; ora revestem uma forma mixta em que tem parte não só o indio, mas tambem o portuguez, o conquistador, nesse crepusculo matutino, onde as sombras e visões da barbaria se casam com as claridades ainda confusas, indecisas, e não raro carregadas, da manhã colonial. *Iracema* de José de Alencar pertence ao primeiro typo, o *Guarany* pertence ao segundo. Seria enfadonha tarefa relacionar os variadissimos e innumeraveis trabalhos que na febre do indianismo, vieram a publico. Tivemos-os de todo pezo e medida.

Muitos outros talentos encaminham-se na mesma direcção; e o thema indigena, que ao principio so servia de pasto ás obras de arte, passou a ser estudado scientificamente. Nas sociedades historicas, e mais tarde nas anthropologicas o indio é dissecado, analysado; a sua linguagem é objecto de investigações; a sua lingua dá occasião a exames que ainda continuam. Todo este movimento veio do Norte,

e teve a sua raiz na inspiração local do grande poeta maranhense. Si não fóra elle talvez tudo isso ou, ao menos uma grande parte, talvez a mais preciosa, ter-se-ia perdido ingloriamente.

Este poeta trazia em si a grande alma da sua região natal, alma soffredora, amorosa, terna, cujas cordas vibram na dôr e na saudade, na resignação e no trabalho.

Ella está retratada em toda a sua nudez nas palavras do prologo dos *Ultimos Cantos* datado no Rio de Janeiro:

« Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, envolta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella! lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira eshelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flores amarellas. Ali sim, — ali está — desfeita em lagrimas nas folhas das hananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo o que eu amo, e que em hem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que desperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.»

Com que funda sentimentalidade elle se refere ás selvas da sua região natal na poesia *Solidão*:

« Ou si mais te apraz, zombemos
Das setas que arroja a sorte;
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nenias sentidas
No seio da escuridão.
Não tem doçura o deserto,
Não tem harmonia os mares,
Como o rugir dos palmares
No correr da viração!

« Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de côr sombria;
Como o sol, pintor mimoso,
Seus accidentes varia;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!
Como ali sente-se a vida
Melhor, mais viva, mais pura,
Naquelle eterna verdura,
Naquelle eterno gozar! » (1)

Na propria bocca do selvagem elle não perde occasião de assignalar a sua preferencia, e a primazia da terra onde nasceu:

« Sou bravo, sou forte,
Sou filho do norte,
Meu canto de morte,
Guerreiros ouvi. » (2)

Quereis ver agora como o Zorrilla brasileiro perde parte das suas harmonias, e empallidecem as côres da sua

palheta tão rica de animação e vida nos assumptos que lhe são agradaveis? Lêde a *Canção do Tamoyo*, inspiração do sul (Obr. cit. tomo 2º pag. 33) Quão longe está ella, em energia e graça, desse *Y-juca-pirama* rutilante e magestoso, desses *Tymbiras* que parecem uma visão, um sonho, tamanho é nelles o brilho da imaginação e a vivacidade do colorido local, desse *Tabyra* que parece uma inspiração granitica, e, n'outro genero, dessa *Caxias*, onde o poeta teve o berço:

« Quanto és bella, ó Caxias! — no deserto
Entre montanhas, derramada em valle
De flores perennaeas,
E's qual tenue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga soprando (3)
A' flor de manso lago!

FRANKLIN TAVORA

(3) Obr. cit. tomo 1º pag. 33

Reproduzimos hoje, nesta folha, as duas hellas traducções, que não ba muito abrilhantaram as columnas do *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e devidas á penna da Exa. Sra. D. Vera de Suckow.

Recordação e Serenata são as primicias do peregrino talento que desabrocha de dezasete primaveras.

A gentil poetiza tem, alem destes, outros trahalhos, com os quaes iremos aos poucos deliciando o fino paladar dos nossos leitores e leitoras.

Acceite a Exma. Sra. D. Vera de Suckow as sinceras saudações da *Semana* pelo modo brilhante com que entra na communhão das letras brasileiras.

SERENATA

CATULLE MENDES

Tem um andar distrahido,
Leve como o da gazella;
Tal um lirio parecido
Com uma rosa: sou d'ella.

Tem gostos extravagantes
Em versos, traje e etiquetas.
Seus olhos insinuantes
Chamam irmãs — ás violetas.

Porem será ainda hoje
Como appareceu-me um dia?
Pois ba muito o tempo foge,
E eis que de vista perdi-a!

RECORDAÇÃO

LORD BYRON

Acabou-se! — Entrevi-o nos meus sonhos
Já não doura a esperanza o meu futuro;
Quão breves fostes, dias meus risonhos!
Gelada ao norte de um destino duro,
Faz-me a aurora da vida em coração;
Adeus, gozo, esperanza, amores meus!
Pudesse ainda dizer: Recordação!

VERA DE SUCKOW.

(1) Obr. cit. tomo 1º pag. 197.

(2) Obr. cit. tomo 2º pag. 19.

FORÇA VELHA

Continuação

O eol do dia anterior fóra de rachar, — um sol de janeiro —; na atmosphera euspendia-se um pó subtil; o verde das arvores gritava; e o ar parecia vibrar á propria vista. Os atoleiros formados pela ultima chuvada estavam seccos, encarquilhados, como ferias da terra em via de cicatrização; apenas, em um ou outro ponto da estrada, havia buracos fundos, cheios de lama, que cospiam jactos pretos nas calças e botas dos transeuntes, quando o cavallo acertava em metter o pé em algum delles.

No rancho, chegavam ao mesmo tempo dois comboios; um da cidade e outro da villa. Tangiam ao primeiro um cabra de alpracatas, chapéu de coiro e roupa de algodão grosso, e dois rapazinhos da mesma casta. Oito quartáus magreirões conduziam duas cargas de malas pretas, tauxiadas, e as restantes de caixões pendurados por alças de cordas ás cangalbas. Sobre uma destas cargas viuha um molecote, a gritar e a cantar tóadas de pé de serra. O comboio, que descia, era de algodão; as primeiras partidas que naquelle anno, remetiam á casa ingleza.

Os cavallos, chegando a sombra das grandes cajazeiras, que enfrentavam a casa, como adivinhando a intenção dos guias, largaram as trilhas lateraes, e, em desordem, começaram a circular em torno dos troncos, uns levando a bélfa ao chão para apanhar nós de canna ou restos de capim, outros escambichando as pernas para verter agua, depois de rufarem o couro nesse movimento de estremeção voluntario, de que só essas alimarias tem o privilegio. Os chocalhos tilintaram descompassadamente e um dos animaes quiz espojar-se na aréa. Os cargueiros, porem, obstaram a legitima intenção, e aos gritos de—ó éua!—ó éua!—circumscreveram logo os quartáus ao terreiro, manciando-os de pé a mão. Arriaram as cargas de dois estropiados, que mostravam ao ar livre o dorso suado e cheio de raladuras tirantes a bicheira.

O Guedes, o cabra, encostou então o xiquerador ao tronco da cajazeira, e chegando ao balcão da bodega, bateu com dois vintens sobre a madeira.

— Da brauca; que estou tiniudo! Como vae isto, seu Miguel.

O paralytico respondeu com um movimento de cabeça, e Salustina, da sala, acende estava pondo a mesa para o almoço, fez um gesto de intelligencia.

— E' bom fechar o corpo, que os tempos não vão bons.

O Miguel poz num copo baço meia terça de cachaça, que o cargueiro virou de um trago, pondo termo com um estalido na lingua.

— O' Gibila! como vae essa força? virou-se o Guedes para o que vinha da villa. Seu Miguel, mais meia terça aqui para o compadre.

O bodegueiro tornou a virar o canjirão, e o Gibila bebeu. A cachaça não tinha espinhas, e o cabra estava generoso; vinha da cidade satisfeito de muitas cousas, acompanhando um senhor doutor de muita população, como se dizia em sua giria, e queria divertir-se, embebedar-se, fallar bem de tudo, gastar o cobre que trazia.

Com o pesçoço esgorjado á caualha, o chapéu cahido sobre o olho, o Guedes riscou um phosphoro, e, acendendo o cachimbo, que sacara do barbicacho, deu duas fumaçadas gostosas; dirigindo-se á Salustina, que viera á janella para fallar-lhe, emittio a saliva por entre os dentes limados em ponta.

— Olhe lá, siá Salti, como vae tratar o moço que ahí vem.

O moço era o doutor, o juiz, que se esperava no termo desde a semana finda. Estava-se em uma quinta-feira, e na hora em que o Guedes fallava, o sol já andava no quadrante. Soavam dez horas. Pelos seus calculos o cavalleiro e as pessoas que o acompanhavam não chegariam antes das doze. Andavam a passo; o doutor montava mal, e deviam ter sahido do sitio da Manguba, a tres leguas d'alli, nunca antes das seis horas; e nesse andar não era possivel que fizessem mais de uma legua por hora.

A Salustina desgarrou ao Guedes um sorriso garrido de promessas. Deixasse estar que ella sabia como se arrumar em casos como aquelle.

ARARIPE JUNIOR.

A côrte vista de fóra

Leopoldina, 15 de Fevereiro de 1888.

Muito tem-se declamado contra as centralisações de toda ordem: os politicos contra os centros directores, que impoem as candidaturas e absorvem em si a melhor parte do sangue governamental, deixando em profunda anemia o resto do organismo nacional; a lavoura contra os syndicatos da praça commercial; o commercio contra a tyrannia do cambio; a Opinião contra a imprensa da capital; as provincias, emfim, contra o municipio neutro. Os utopistas tem esgotado todos os argumentos da logica e queimado toda a polvora de sua indignação. E apezar de tudo, a Côrte continua a ser nossa directora, todos na Côrte têm os olhos fixos; da Côrte nos vêm a opinião, a moda, as virtudes e os defeitos. A rua do Ouvidor é o canal obrigado da onda do successo. Nada será consagrado senão com a imprescindivel condição de lá passar.

Ha dous pontos de vista para o observador eucrar os acontecimentos um no centro delles e outro fóra de sua circumferencia.

No primeiro, o observador, sugeito á acção do meio, que o cerca, vê os successos nos seus minimos detalhes; mas idéa, que forma para a critica, traz o vicio de origem, por ser a critica congenita com o phenomeno estudado.

As excepções neste sentido, comojem tudo o mais, confirmam a regra.

Quanto ao segundo ponto de vista, si bem que a distancia difficile a plena percepção das cousas estudadas, parece-me, todavia, o mais proprio para que

o observador ajuize dos acontecimentos. Ha minudencias locais, factos ephemeros, cujo destino é nascer e morrer nos grupos dos *causeurs*, nas mezas dos cafés, no entreacto dos espectaculos:—estes escapam á vista do observador *extracivital* e nenhum influxo podem exercer sobre a ordem geral dos successos. O observador externo é imparcial.

E' neeste ultimo ponto de vista que vem se collocar quem traça estas despretenciosas linhas.

De todos os factos noticiados pela imprensa douts impresionaram-me profundamente:—um succedido em Lisboa com um velho escriptor e parlamentar e o outro na Côrte com um pequeno mascarado do carnaval. Começemos pelo mais moço.

A *Gazeta de Noticias* de 14 refere que uma criança por nome Oliverio, que pela sua graça e desenvoltura encantara a quantos o viram percorrer as ruas da capital, vestido de *Bilontra*, no primeiro dia do carnaval, ao voltar para casa fóra accomettida de convulsões, que não cessaram senão para deixal-a succumbir a um accesso pernicioso.

— Triste carnaval o desta criança! accrescenta a *Gazeta*.

E na verdade.

Em todas as festas populares ha uma nota triste:—frequentemente é a fusão de sangue humano. O povo accumulado tem em si o germen de desgraças, que não raro fazem explosões.

A nota dominante e triste do carnaval de 1888, deu-a o innocente Oliverio, que fez-se um pequeno *Bilontra macabro*.

Tanto ospirito, tanta graça, tão precoce intelligencia encheram de inveja a Morte que, sem esperar que findasse o triduo carnavalesco, suggerio ao pae da criança estas extranhas palavras: «Depressa! vai arranjar-me uma veste cor de rosa, talar, uma coróa de flores bonitas e bem alegres, o logo que teu filbo chegue, phantasia-o.»

Verás que bello mascaradinho! » E isto se fez, e o pequeno *dominó* cor de rosa sahio; mas não voltou...

Facécias da Morte.

Hei de sempre me lembrar desse pequeno mascarado, que depois de atravessar as ruas em festas, sobraçando as mais viçosas flores dos applausos, cercado da multidão que lhe atirava beijos de caricias, tonto do successo, tropeçou no tumulto e cahiu, sem mesmo ter tido tempo de compor o rosto e levando para o seio da Natureza invisivel, ainda impresso nos labios innocentes, o riso de sua ultima galanteria.

E se o pai desta criança é catholico, hoje que é quarta-feira de cinza, ao receber a cruz que o grave sacerdote lhe desenha na frente, deve amargamente sentir naquelle pó, as cinzas ainda quentes do seu mallogrado Oliverio.

Quanto a mim, deponho um beijo sobre a sua pequenina campa.

A hora em que escrevo, não eei si tenho a falar de um vivo ou de um morto. Os ultimos telegrammas de Lisboa dão como desesperador o estado de Pinheiro Chagas, victima de uma conspiração dos partidos de Luiza Michel.

Li todo o artigo do *Reporter*, em que o illustre escriptor diz naquelle seu bello estylo tão conhecido, boas verdades sobre a celebre agitadora fran

FORÇA E MATERIA

La force et la matiere ne peuvent jamais séparées entièrement.

F. MOHR.

Pas de matière sans force. Mais aussi pas de force sans matiere.

JAC. MOLESCHOTT.

Contra a theoria velha e] decadente que especulava a substancia etherea, a unidade da força e da materia é uma idéa aceita geralmente.

Para os sabios a força antigamente, era uma simples propriedada aerea, e a criação universal, siderea, obra de um ser occulto, omnipotente.

Entretanto, esse ser illimitado, creando, outr'ora, tudo de momento, vive presentemente descaçado.

Hoje, tu crés humano entendimento, que é a materia e a força que hão formado os corpos pelas leis do movimento.

EDUARDO DE CARVALHO.

ceza, e confesso que abundo cordialmente em suas idéas.

Acceito, admitto e louvo que a mulher participe das conquistas gloriosas das sciencias e das artes, tolero mesmo que se aventure pelas arduas regiões da politica e *deixo até passar* que venha olla a occupar algum dia postos elevados nas altas administrações de um Estado. Mas o que não comprehendendo e não posso admitir é que nessas diferentes posições queira conservar intacto, inviolavel, o privilegio creado a favor de seu sexo em attenção a sua fraqueza. Não. A mulher, desde que se faz litterata, é um homem de letras como qualquer outro, está sujeito ás censuras da critica; deputado, ha de soffrer as contrariedades dos debates; governo—as guerras da opposição; propagandista—as arruaças do povo.

Luiza Michel é uma envergadura; a linguagem de suas conferencias tem um collarido vermelho de injurias e sangue; por sua causa tem sido sacrificadas não poucas victimas: que muito era que fosse uma delleas, sendo a causadora de todas? Mas é uma mulher; —dizem os Quixotes da utopia, que se fazem sicarios e atacam um jornalista que tem a coragem de dizer que Michel renunciou o beneficio do seu sexo no dia em que iniciou sua carreira publica.

E eis que por causa de uma mediocridade intellectual, servida por uma organização viciada de hysterismo revolucionario, cae fulminado um vulto sympathico, benemerito, querido da humanidade e sobretudo dos dous povos irmãos, que falam o idioma de Camões.

Se Pinheiro Chagas succumbir ao thraumatismo, eu lamentarei duplamente a sua morte: pela falta irreparavel que deixa ás letras e por ter cahido aos golpes dos fanaticos discipulos de uma douda.

Esperemos, contudo, que o grande escriptor vença os perigos da convalescença; quero exprimir por *esperança* o desejo.

Quizera me occupar de mais alguns assumptos menos tristes. O calor está suffocante: o thermometro centigrado marca 32° e ainda resoam funebremente, como as notas de um *canto chão*, estas palavras que tanto tem de mysticas, como de rigorosamente scientificas, sobre a origem e o fim do homem: *Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.*

Perdoe-me o jovial *Eloy o heroe*, que se quizer sahorear alegremente a quaresma, venha cá para a roça gozar do bom peixe de rio.

E até a proxima.

ALI

MÃE

Ella scisma silenciosa
A' doce luz do luar.
Que incerta visão radiosa
Passou nas nevoas do mar?

Como que soluça uma harpa
Nos ares tristes... Talvez
Surja uma ondina na escarpa
Cantando em tod: nudez...

E lhe falle sorridente
De palacios de coral,
E lhe estenda a mão albente
Lá no meio do areal...

Que uma branca vela ondeie,
Fuja nas soldões azues
Que importa? e o bosque vozeie
Torcendo as comas á luz

E o mar, em ruidosas pragas,
Mostre os dentes des parceiros?
E estourem, morram as vagas
Como lugubres tropeis?...

Olha mais uma, outra, um bando
De estrellas, centenas, mil
Petalas de oiro, fluctuando
Esparsas no ceu de anil...

E' que á marinha bafagem
Uma nevoa esmaeceu
Como a fria branca imagem
Do filho quando morreu...

E elle talvez pouse agora
Naquelle estrella, a brilhar,
Tão longe da mãe que o chora
A' doce luz do luar...

ALBERTO SILVA

Um Primitivo

A L. G. DUQUE ESTRADA

Na casa nova da chacara do capitão Antonio Luiz, uma tarde de fins de Maio de 1850, pronunciaram-se palavras memoraveis.

— Aqui tem você a sala. Está caiadinha e limpa. Pinte-lhe as paredes a vontade. Tem carta branca. Faça ali uns bonecos, umas cousas alegres e engraçadas. Se me agradar a pintura, sou capaz de lhe dar trinta mil reis. Mas não demore, que pelo S. Antonio quero dar aqui um brodio.

Mestre Camillo, sem mostrar attenção passava exame ás paredes, experimentando pelo toque a solidez duvidosa do reboco sobre os engradados de varas com barro amassado. Depois proferiu:

— E' pouco dinheiro e pouco tempo, seu capitão. Por menos de cincoenta...

— Lá o tempo... Mas com a sua habilidade você dá conta disto em trez palhetadas e meia! Não precisa de um servente?

— Servente p'ra que?

— E dou-lhe as tintas e preparos. Enfim, depois veremos. Quando vae principiar?

— Amauhã.

No dia seguinte, desde que houve luz, mestre Camillo começou a composição central de uma triptica symbolisando a seu modo a gloria do trabalho honesto e livre. Trabalhou com affino e quando tres dias depois o dono da casa veio ver a obra, elle cachimbava descançando na contemplação do seu poema.

Era de um lado uma scena representando trabalhadores de machado e serradores no matto, do outro carpinteiros em frente de uma casa em construção e no centro, entre a porta e a janella, que felizmente abriam para

fôra, a gloria furibunda dos ferreiros martellando entre a falseação terrivel do vermelhão em braza. Por cima de tudo — ligação eestial das cousas — uma fachá ultra-cerulea, povoada de andorinhas gigantescas e no alto, sahindo de uma nuvem escurissima de mysterio, uma grande mão aleijada e vermelha, *rubenta dextera*, ameaçava ou abençoava.

O capitão gostou da cousa. Mas como todo profano que se quer fazer de entendido, mette umas objecções lastimaveis. Achou as tintas pouco finas (o pintor levantou os hombros: o que se podia fazer com póe de sapatos, vermelhão, azul, oca e verde de Pariz, pintando a ganache n'uma parede de barro mal caiada?) achou violentas colorações e incongruencia n'aquelle céu servindo tanto para os matteiros de dia como para os ferreiros de noite e desproporção nas figuras em si mesmas e em relação aos planos e mesquinheza no matto feito em capoeira rara para caber sob o ceu o dureza excessiva nos gestos... Ia achando tudo ruim á medida que detalhava, mas o mestre reprehendeu-o.

— Seu capitão não pôde dizer nada por enquaanto. Depois de tudo feito, então...

Sahiram conversando e o fastuoso roceiro suggeriu ao seu pintor a idéa de uma Crucificação ou qualquer outra santidade para cima da porta que dava para a varanda.

A' tardinha, Camillo sentado na soleira da porta olhava para a lagoa a oeste. O occaso respandecia. Para lá do tabual verde e ouro, de um tom suavissimo, em que a viração fazia chamalotes caprichosos, a agua se estendia em larga chapa de bronze despolido de brilho quente, afogueado, até ás serras veladas no horisoute pela poeira luminosa da hora. A esguia cinta mosqueada dos comoros, alem, marcava o fim do mar. Vista de cá a sua longa lamiua de aço escuro aguçando-se em ponta scintillante para o sudoeste parecia uma espada immensa posta alli como separação entre a terra e o céu. E a grande voz enchia, o espaço n'um ribombar continuo, surdamente. O sol descia, entrava atráz das serras, os cirros esparsos no céu ficavam de ouro, de cobre rutilante: a intensa verberação rubra dava ás cousas todas o tom de magia das horas crepusculares e sobre o fundo incandescente a branco as arvores se recortavam em silueta negra, nitidamente.

De repente Camillo teve o seu Christo. Entre a galhada secca de um cajaeira que morria uma trifurcação muito larga com dilatações e nodosidades dava-lhe a projecção simplificante do Patibulo de Gloria. Um joelho saliente, o flanco derreado e a cabeça exanimé pendida em tudo o que se via da Hostia divina. Bastava isso. Mestre Camillo era naturalmente idealista e sóbrio, como tal. Sobriedade que podia ser pobreza, ou o que quizessem, mas que era uma convicção. Na sua manobra extremamente longa dos decadentes não entrava a mancha de que elle nem fazia idéa. O seu gosto era o traço, que a inhabil mão reduzia, simplificava até ser quasi uma notação apenas. Pintava como quem escreve: depressa e incorrecto. Punha côres, porque achavam bonito, elle não. Não era colorista. Verdade é que ainda não era desenhista. Mas tinha do fogo sagrado o bastante para coser-lhe o pão, mal amassado embora, ganho com o suor do seu rosto.

Brochando no outro dia o fundo de oca triumphante—o fundo de ouro bysantino e doe mysticos primevos na arto italiana — e recortando sobre elle o tetrico Calvario, em que a Magdalena era uma trouxa vaga atirada aos pés da cruz, mestre Camillo eontava que a satisfação do capitão vendo cumprido o seu desejo lhe aeseguraria os almejjados cincoenta mil reis. Mas seu capitão Antonio Luiz não tinha nem um boeado de subjectivismo esthetic. Vendo o seu alto de porta elle ficou com a cara de quem não descobre onde está o gato. Achou triste aquillo. Mas não o disse. Só lhe aconselhou que pintase *agora* cousas alegres.

O iconista desabusado atirou-se á parede do outão e cobriu-a de idyllis e pantomimas. Sob uma arvore monstruosa poz um galan sumptuoso em azul, amarello e verde, beijando a mão a uma dama, em cujo olhar ternamente enviezado havia uma pouta de loucura. Um cavalleiro passando cortejava-os, pasmo de tanto amor! N'uma praça de villa ou terreiro de fazenda uma gymnasta equilibrado sobre dous cavallos peloticaava com laranjas. Entre a luzida sociedade que da varanda de um casa de telhado rigorosamente encarnado assistia ao espectáculo estava o chapéu do Chile e a barba comprida de seu capitão. O saltimbanco fingia ser o mesmo pintor. Doloroso symbolo! O que alli não fez elle para divertir o capitão e seus amigos! Fez uma brigá de cachorros, gelada. Fez um macaco de jaqueta montado n'um cachorro. Fez um papagaio verde do bico amarello. Fez um caboclo mutando uma cobra, enrolada n'um coqueiro que parecia um espanador velho. Fez uma bandeira do Divino, com folhões e tudo. Fez o diabo! Lá estava elle cabriolando a um canto, de rabo e cornos, mas todo gaiteiro. O capitão approvou e aproveitou a inconveniencia da alegria do diabo para mandar apagar o lugubre Calvario, e substitui-lo por umas armas imperiaes bem catitas. Até os caroços de café, encarnadinhos, tinham muita graça...

E no dia de Santo Antonio, festa de luzimento para a qual muita gente se convidára, não faltaram admirações e applausos ao bom gosto do capitão Antonio Luiz e á habilidade do Camillo. Não faltaram tambem depreciações e zombarias dos escarninhos e maldizentes, recordando o injurioso eognome de sujo que perseguia o honrado piattamonos. Mas o successo popular da quella noite e dos dias seguintes obliterou-o em breve e por fim dos serros do Catimbáu ás vargens de Innoán voava como um symbolo de gloria o nome illustre de Camillo o Pintor.

20 de Fevereiro.

DOMICIO DA GAMA

QUESTÕES DE ESTYLO

Exordio. Aphorismo de Buffon. Espirito moderno e espirito antigo. Selecção natural. Pessimismo e optimismo. Em que consiste a superioridade do espirito moderado. Estylo moderno.

Saboreei ha coisa de tres mezes as deliciosas paginas que Araripe Junior escreveu sobre naturalismo e pessimismo.

Li-as em separado e eontudo senti logo de relanee que o assumpto era tratado por mão de mestre.

Com effeito, o propecto critico alli desenvolveu conceitoa mui felizes sobre questões de estylo e formulou sentenciosos, juizos reveladores de uma bella orientação mental nas trevas do nosso preteneo chaos intellectual.

Lembre-me hoje, não de voltar, mas de vir á carga, e não para semear idéas ou para improvisar theorias, mas simplesmente para cavaquear.

Um principiante nada melhor e mais galhardamente sabe fazer do que principiar.

Como circumstancia attenuante para mim, devo confessar esta fraqueza, talvez reprehensivel: que aempre liguei tanta importancia ao estylo de um escriptor como ás obras de um autor.

O *savoir-dire*, o modo de expressão, docs ou rude, sem jáca ou ainda em garga, a traducção fiel do original do espirito, a sohpoição quasi mecnica da palavra ao pensamento, pesou-me sempre na balança comoa espada de Breno.

Mas prosigamos.

Se me dessem um ponto para esta these:—O estylo —eu escreveria est'outra— O homem — apesar das espheras pretas que Minerva se dignasse de lançar na urna das reprovações.

Quero assim remontar-me ao sedico, covado e escovado aphorismo de Buffon aphorismo chapa, porem verdadeiro e profundo: *O estylo é o homem*.

Bem. Escripto o titulo de minha these, eu ahordaria com unhas e dentes o estudo completo do homem complexo, isto é, estudaria o movel, o homem; a trajectoria, a sua vida; a direcção, o seu temperamento; o movimento, a sua actividade; a força, o meio physico e o meio mental; com relação ao tempo, actualidade; e com relação ao espaço, nacionalidade.

Feito esse historico, eu forçosamente chegaria a um resultado, a uma conclusão, e então diria: esta resultante dá a medida do estylo de tal escriptor, porque representa a expressão approximada do que elle sente, do que elle pensa e do que elle quer em litteratura, emfim, de sua individualidade litteraria.

E' claro que estudando genericamente um typo humano em litteratura, eu estudaria um typo moderno.

Ha ahi muito quem apregoe em prosa a decadencia do espirito moderno e exalte em verso a superioridade do espirito antigo. E' falso.

Ha muito quem escreva com mysteriosa mão diurna e nocturna no meio do festim do progresso actual o *mane, thecei, phares* da legenda biblica. E' erroneo.

Outros ha que obatinadamente fazem passar pelas forcas caudinaa o ideal moderno. E' injusto.

Para que systematicamente confrontações odiosas e gratuitas entre a idade contemporanea e a idade antiga? Demais, para que o julgamento fosse decisivo e scientifico, seria forçoso metter em linha de conta um elemento constante e fatal de transformação: o phenomeno de selecção natural. Mas o que é de selecção é de eleição e o que é natural é eterno.

Nesse caso, pois, a victoria seria nossa.

A selecção natural conaunma-se por este processo: a lucta.

A lucta no Universo, a lucta na Natureza, a lucta na Humanidade, lucta cega, fatal, ininterrupta, eterna como o moto continuo.

O vacuo não existe e a impenetrabilidade physica é uma propriedade universal. Doie atomos não podem occupar no mesmo tempo o mesmo espaço: a simultaneidade e a ubiquidade unitarias são duas mentiras. Assim, o que ha é a successão, o revezamento entre civilisação e civilisação.

A vida implica tão naturalmente a morte como a morte implica a vida.

A civilisação no Occidente, por exemplo, está-se consummando á custa da harharia do Oriente (que o digam os inglezes), assim como na antiguidade foi precisamente o contrario (que o confirmem os povos orientaes.)

Apesar de Platão, de Christo, de Thomaz Morus e de Comte, nós nunca seremos igulmente civilisados nem igualmente fortes.

Na humanidade entre as nacionalidades e na sociedade entre os individuos, ha de haver sempre antipodas como na esphera terrestre.

Vêde uma halança, symbolo da justiça: em uma pesagem a concha que sohe, sobe á custa da que desce.

Ahi está a imagem viva das civilisações.

Mas quem é o factor do engrandecimento social? E' o homem.

Logo, o espirito moderno está, não direi isolada, mas collectivamente, em plano superior ao espirito antigo.

Simplez questão de scenographia.

O systema que nega isso é o pessimismo. Mas o pessimismo, o scepticismo e o pyrrhonismo são symptomas pathologicos individuaes ou ecocias, assim como tambem o são o optimismo e o dogmatismo desbragados.

A selecção natural é uma força cega e inexoravel que trata, com uma precisão providencial, de eliminar da corrente universal da vida tudo que degenera e tudo que perturba. E' em virtude desses processos apparentemente iniquos, mas realmente justos, que ella condemna irremessivelmente os phthisicos, os cardiacos e os loucos, os individuos incuravelmente affectados dos órgãos essenciaes da vida, sem fallar dos abortos, que ainda não chegaram a viver integralmente, nem dos decrepitos, que já exgotaram a vida. Isso pela razão logica de que a Natureza não empata energia no movimento universal, assim como o negociante hem avisado não empata capital em suas transacções. São condemnados, mas para se regenerarem de suas proprias ruinas no grande estaleiro universal da Natureza.

Sendo assim, nesse eterno conflicto propulsado e presidido pela força de selecção natural, os que saem feridos são pessimistas e os que saem incolumes são optimistas. Quasi sempre.

Assim, a questão de pessimismo e de optimismo é interminavel, sempre houve e sempre havrá.

E' até prescindivel tratar della, e se o fiz foi para sacudir a poeira da estrada que persegue todo transeunte.

(Continúa.)

CANDIDO JUCA'

BUCOLICA

O sol dardeja a prumo; os passarinhos, festivos, pipilando, longe dos quentes perfumados ninhos, adejam demandando céus e luz; o bosque agita a verdejante côma; nas vastas pradarias a madresilva em flor espalha o aroma— do amor, das nostalgias—, que seduz.

Tudo é encanto e amores:—o murmulho cadente das ribeiras; o ciciar do folhame; o doce arrulho dos pombos nas halseiras; o rumor dulcisono das azas dos insectos, que zumhem no silvado ou que instantes volitam, irrequietos, no seio perfumado de uma flor.

Lá, num grato recanto mysterioso, onde limpido arroio serpenteia, soh um docel de viridos salgueiros, onde as rosas silvestres e as acacias, meigas, ae enlaçam em festões ligeiros, deitada sobre a areia, tendo por travesseiro perfumoso do lírio odoro as pétalas violaceas,

a rainha daquellas cercanias, a loira e eshelta Hortensia, eternecida, das enfadonhas vestes despojada, nessa mansão cheia de luz, ridente, que á soledade, á scisma aprofundada e que ao amor convida, cuida talvez em loucas fantasias,

pobre creanca, sorrindo alegremente.

(—O coração é perfumado ninho, onde geme e dehate-se assustado o amor—esse voluvel passarinho—, presos na mão do caçador ousado.—)

Canta em voz alta. Erguendo-se lasciva, os formosos cahellos sacudindo, com as mãos delicadas e pequenas, prendendo-os no alto da cabeça a rosa, ennastrando-os de acacias e açucenas, inclina-se, sorrindo, para a corrente, que reflecte, esquiva, a sua linda imagem graciosa.

Entra nas aguas transparentes, frescas. As horholetas quedam-se assustadas; dos passaros o modulo dolente já não ae escuta mais; uma por uma, só as vagas da tremula corrente travéssas, nanoradas, vem afagar-lhe as fórmias principescas, num borbulhar de fiócculos de espuma..

E ella foge, medrosa, segurando com os dedos de neve nos ramos dos salgueiros, soluçando, com recio que a leve, nos vaivens cadenciados, a lympha, que, dormente logo após, com doçura, cobre de beijo a seu corpo albente, nessa lascivia impura dos harens.

E o eol, ancioso, atira tresloucados olhares indiscretos, doirando as aguas, ternoe, abrazados, de volupia repletos, atravez das folhudas ramagens deliciosas, fitos na doce amada, que, respeitosa, vêm beijar as rosas da curva assetinada de seus pés.

CARLOS COELHO

O LOUCO

ELECTRICOS

Oe olhos de D. Loló brilharam, o coração deu-lhe uma forte pancada, e com um movimento levemente nervoso, ella voltou-se para a sacada e poz-ae a olhar as arvores da praça fronteira, francamente illuminada pelo reflexo das luzes da sala.

Depois, já tranquilla, correspondeu á cortezia que lhe fazia um rapaz que acanhava de entrar, alto, de homiros largos e olhos muito escuros.

— Já sei; disse elle, muito polido, continuando; já aei que tem compromisso para todas as quadrilhas...]

— Engana-se; faltam-me ainda alguns pares; e sorrio-se com a indifferença mais bem fingida deate mundo.

Deu-lhe uma quadilha, a terceira, e foi sentar-se junto ao pai, um homem de phisionomia idiota, que olhava para ella fito, sem dizer palavra, serio, muito sombrio.

D. Loló era pequena, perfeito typo da mulher cearense, intelligente, viva, muito corajosa. Uma belleza ao mesmo tempo adoravel e respeitavel. Tinha uma grande firmeza nas suae palavras, indicio de character resolutio. Deixava cabir a phrase inteira, sonora e transparente como um prisma de crystal.

Educou-se esmeradamente em um collegio de Inglaterra, onde desenvolveu as aptidões elevadas de aeu espirito com esse bom senso pratico, esse conhecimento do real, que faz da mulher ingleza o typo da honestidade e da resignação.

Era uma perfeita Ingleza, só lhe faltava a rigidez do gesto, ao que se oppunha o seu sangue equatorial.

Na sua volta da Inglaterra, encontrou em ruinas a casa commercial do pai. O pobre homem, atormentado com penhoras, sequestros, enabargos, com idas e vindas por casa dos advogados, dos juizes, dos escrivães, com o systema nervoso submettido a uma tensão enorme, não poude resistir á catastrophe e perdeu o juizo. Uma loucura pacifica, silenciosa, cheia de olhares fixos.

Em condições taes, pobre, desolada com a demencia do pai, lutando para aalvar do naufragio ao menos com que subsistir, e vendo com o olhar claro do seu espirito pratico, as difficuldades, que lhe adviriam para o futuro, accitou resolutamente o partido que lhe offereceu um excellento simplorio; bom homem, aliás, que levava a sna vida a não pensar n'outra cousa, que não fosse vender mais caro do que comprara; um homem honrado, que lhe offerecia, com o seu nome e sua fortuna nm bom coração burguez, e implorava com os olhos de grande cão fiel, que ella se dignasse de tel-o dehaixo dos seus gentis pesiuhos.

D. Lolô não era romantica; o unico livro de imaginação, que lhe deram para ler foi o de Shakspeare, e, pois, achou que valia muito mais aquelle casca grossa cheio de dedicação e de lealdade, do que todos os sonhos gentis, todas as doces illusões que a mente vê por traz de nuvens cor de rosa e de leite.

Não havia de amal-o, mas com cêrteza o estimaria muito.

Alem disso o amor é um facto physiologico que se pôde muito bem illiminar ou adiar; e ella tinha bastante intelligencia e vontade para preparar, assim mesmo, a sua felicidade e a dos que a cercavam.

Acceptou com coragem a situação em que as circumstancias a collocavam e dedicou-se á felicidade dos tres: o pai, o marido e ella.

Havia de conseguil-o; julgava ella e sentia-se bastante forte para cbeigar ao seu fim; estava certa disso.

Assim pensava junto ao pai, em cujo olhar apagado procurava surpreender uma restea, que revelasse a luz que se estinguira naquelle cerebro deserto.

Costumava leval-o por toda a parte, aos bailes, ao theatro, aos passeios, para distraill-o, para cural-o. Elle pacificamente se submettia a vontade della com uma vaga sensação de involtorios brandos e perfumados. A filha não lhe sabia de ao pé; mesmo, emquanto dansava, tinha a vista sobre elle como se quizesse com a luz dos seus lindos olhos illuminar a noite em que tacteava o infeliz.

O marido, que sempre acompanhava-a, não gostava de dansas:

— Não tenho ar; desculpava-se. Nunca aprendi semelhante cousa.

E afastava-se depois de prevenir a mulher de que elle estaria alli perto, na saleta do jogo, fazendo uma partida de loto.

Era tímido e humilde deante da mulher, não obstante toda aquella sua corpulencia de grande animal pacifico, de olhar suave.

Ella, ao contrario, dansava muito. Dava o cavaco por uma valsa, e no collegio passou sempre pela primeira, valsiista; é verdade que para isso concorria muito a sua esbelta elegancia a silhouette fina e aristocratica de mulher de raça.

— Minha senhora, já se deu signal da terceira contradança; se me faz favor... Esse rapaz de olhos escuros sempre se lhe dirigia assim, com um respeito profundo.

As mulheres gostam immenso dessa especie de adoração. A mais irreprochable sempre encontra um sorriso meigo para acolhel-a.

— A terceira? e levantando se, collocou-se com o rapaz alli mesmo junto ao velho.

— Fique socegado; disse ella para o louco, que fitava-a imperturbavelmente.

D. Lolo sentia-se bem pelo braço desse moço. Achava uma caricia recondit nos modos brandos e respeitosos com que se lhe dirigia. Tinha vontade de rir-se muito, de fazer-se familiar, de dizer-lhe as cousas minimas, de perguntar-lhe pelas suas namoradas. Elle percebia isto, e as vezes chegava a contar-lhe muitas cousas intimas, a consultal-a, com uma ingenuidade de irmão mais novo.

N'um intervallo, elle disse-lhe com o seu grande ar de ingenio:

— Sabe que estou pensando em resolver o problema da minha vida?

Ella comprehendeu, mas perguntou sempre:

— Sim? mas que problema?

— O que gyra na cabeça de todo o rapaz solteiro...

— Ah!... Vai casar-se...

Achou muito natural aquillo, já era tempo, precisava methodisar a vida, fundar a sua felicidade; ella mesma desejava muito e muito vel-o feliz, casado com uma mulher intelligente e boa; e se ella pudesse, contribuiria para a ventura delle; era muito sua amiga; achava-o digno de todas as felicidades.

— Pode concorrer; pois não? é por isso que lhe fallo, desejo ouvir o seu parecer; quero a sua opinião, na certeza de que será acolhida como se fosse um conselho de irmã que muito prezasse.

Estes modos do rapaz é que faziam repouzar o systema nervoso da moça.

Ella, nessa confiança a que se abandonava sem querer, deu o seu parecer, aconselhou-o, elogiou muito a noiva, e, pouco a pouco, exaltando-se, sem saber porque, fallou-lhe do amor, da dedicação, com calor, gesto ardente, a palavra rapida, sonora e direita indo, como, estilhaços de diamante, penetrar no fundo d'alma do uancebo. Este por sua vez sentia um bem estar, uma grande frescura que ia-lhe pouco a pouco invadindo o ser ao ouvir aquella ave do paraíso.

O velho, que não desviava os olhos da filha, levantou-se e foi collocar-se por detraz della; viuha ouvir tambem a musica daquella voz, que tantas vezes o embalava.

O saião, illuminado, enchia-se de uma confusão feita de resvalar de pés, de roçar de vestidos, de risos, de palavras dispersas, de vozes intelligíveis, domiadas pelos sons da orchestra, rasos, enfechados, cantando os ultimos compassos da contradança.

A moça continuava na sua exaltação, que embevecia o mancebo; o calor daquellas palavras, que saíam involuntarias, como por uma necessidade de transbordar, lauçava no peito do rapaz a farsca de um pavoroso lucendio.

O louco ouvia, cada vez mais silencioso. Parecia ter imposto silencio á propria loucura para poder ouvir o que diziam.

De repente um raio passou-lhe rapido e electrico pelos olhos e a sua physiognomia illuminou-se com uma idea:

— *Don't forge your self!* disse elle pondo a mão no hombro da filha.

Ella, empallidecendo, e o rapaz confuso, cahiram em si e desviaram-se perturbados, evitando o olhar um do outro.

O louco havia comprehendido.

— *Don't forget your self,* repetia elle ainda.

LAHORE

AMOR PERFEITO

Olivia é d'alma a flôr que envio-te, criança, é qual pomba d'esp'rança, ao naufrago do amor!

Eu sigo-a com fervor! Vê como o espaço a cança, da-lhe o ramo de allança, á mensageira flor.

Desfraldo a branca vella
No oceano social, sorprende-me a procela!

Em meio o temporal,
Tu és a minha estrella, Olivia, o meu fanal!

S. Paulo 28—10—87.

NA ROÇA

Conclusão

No outro dia euehu-se todo o sitio, que ella tinha fugido com o Zé Italiano para as bandas da Caieira.

O Cosme assim que voltou á casa soube tudo; ficou fulminado e prompou aos soluços, a arrannhar-se e a maldizer-se.

E nas intermitencias da dor, quando a realidade desmanteladora e brutal do caso se restabelecia com nitidez, jurara em altos berros roucos, desfigurado e congesto, como um doudo, convulsamente brandindo a sua aguda faca de roceiro: — Elle ha de pagar-me, o diabo.

A tia Sabina, coitada! que o escutava e estava acabando uma camisola de baeta azul, teve um tremor e uma palidez, mas não disse nada; e apenas o oliou de soslaio, desatou a soluçar baixos, grossas lagrimas como punhos sulcaram-lhe o rosto engeilhado.

Agora como que tinha perdido a sua serenidade: um ligeiro tremor agitava-a toda, e o seu rosto, naquelle instante, parecia mais abatido e cavado. Quem melhor do que ella conheceria a organisação daquelle rapaz, tão ingenua, tolerante e passiva sempre, mas uma vez atacada, completamente outra, vingativa, cruel e sanguinaria como um lobo.

Ainda trazia bem de memoria a historia do mulato do Reis, que uma noite o fóra esperar no caminho da praia para metter-lhe medo; o que resultou, perder o Cosme a cabeça, e o mulato sahir esfaqueado num braço, em prisco de morrer.

Ella conhecia muito bem o Cosme! D'ahi ha tempos disia-se por toda a parte que o rapaz, tão bom etão ajuizado dantes, profundamente apaixonado pelo abandono em que o lançava a mulher, dera em beber, e ea algumas noites chegava a não se aguentar em pé.

III

Era por uma noite negra e troviscosa d'inverno.

O Cosme, como sempre, estava na venda do André, sentado no banco, n'uma modorra, bebado, completamente bebado.

Outros lavradores, que costumavam reunir-se alli, todas as noites, para a *séca*, algazzaravam alegres e expansivos, felizes daquelle santo descanso hem ganho dos rudes labôres do dia, na cultura das terras pelas baixadas e morros, eob a barbara caustica do sol, ou na pesca da enxova, no mar alto, eob as terriveis e açoutantes cordas dos ventos das tempestades, nos bravios costões do Arvoredo!

Falava-se discretamente do Cosmo.

— Como vivia agora aquelle pobre rapaz! Quasi sempre bebado! Que desgraça! Mas era aquelle gosto! E antigamente tão bom que fóra! E um bruto que tinha força que nem um touro! e que de uma vez, elle só, plantara uma roça de mandioca que déra tresentos alqueires!... Nesse tempo ainda a tia Sabina era viva e a douda da mulher não déra pr'aquillo! Tambem ella só não tinha culpa; peor era elle, aquelle cachorro do Zé Italiano, que lá no terço do Amaro — não viram? — levou toda a noite a metter-lhe carminhólas no casco, não se desapegando das saias da rapariga, até que « o raio » da semvergonha deixou tudo por elle. A tia Sabina, Deus lhe dê o céu! é que lhe falou ás direitas, quando elle disse que queria casar: — « Estás doudo, Cosme! Tu não tens juizo?... »

Nisso, o Cosme, acordando daquelle entorpecimento, ouviu ainda algumas palavras, e, com um fusil de colera nos olhos vermelhos, rosnou:

— O Matheus! Que diabo estás tu ahi a dizer? Deixa lá isso, o raio! — o que foi, foi...

O Matheus calou-se; e elle tornou a encostar a cabeça sobre os joelhos.

Lá fóra a chuva cahia em bategas; e fusis continuos, acompanhados de estrondos, abriam na escuridão subitos clarões de fogo rubro-violaceo que deixavam vér pela porta aberta uma paisagem phantastica e lugubre de opera magica.

A chuva batia cerrada.

O Matheus, então, foi até a porta; fincou os olhos na negra espessa, como quem quer vér alguma cousa; olbou para o alto: completamente escuro! — e exclamou:

— Temos agua!

E voltando-se para dentro, com os braços cruzados no peito e os largos hombros encolhidos pelo arrepio da humidade:

— Quem é lá de cima? Na primeira estada, prompto! Quem se vae, vae. Isto aguenta até o dia.

E encostou-se de novo ao balcão, com os olhos pregados na moldadura negada que o sudoeste estendia pelo assoalho, entrando de travez.

Pelo morro do Zefira, que ficava logo adiante, sentiu-se um ruido de patas que se approximava.

Todos puzeram os olhos na porta.

Um cavallo pintado de largas manchas brancas que o lampeão da venda fazia alvejar e luzir, estacou no portaj, com os olhos em braza e as largas ventas resfolegantes da corrida.

Então um homem de botas, atacado num grande ponche, que escorria, ensoado da chuva, alto e moreno, de barba cerrada, tilintando as esporas, apeiou-se e enquanto dosapertava a cilha do animal para desencilhal-o, gritou para dentro em mau portuguez:

— O Andre! Quero-te hoje uma pousada e pasto para o cavallo. O tempo está dos diabos, homem!

Todos exclamaram:

— Ah! E' o só Zé que anda por ahi. Nossa Senhora! Era uma lastima aquelle tempo.

Ella entrou com os arreios de rastos, indo collocal-os a um canto, por detraz da porta; e dando « boas noites » desatacou o poncha e despio-o, deitando-o sobre o balcão onde encostou-se, pedindo cachaça e dando um forte relhaço nas taboas.

O Andre inquerio:

— Donde vinha? Com aquelle tem-

COELHO LISBOA

poral d'agua era uma loucura! Apã-
nbara-o muito longe?

— Que não; pelo Justino. Mas estava
fechado senão ter-se-hia arranjado por
lá. Fora allí por cauza d'umas terras...

O Cosme acordou-se de novo com o
ruído brutal daquelle relhaço, levantou
a cabeça e ao dar inesperadamente com
aquelle homem perto d'elle, de costas,
roçando-o, levantou-se.

Todos, então, olharam-o.

O Cosme esfregou rapidamente as
palpebras pegajosas, e, convulso,
transfigurado, arremetteu contra o
italiano n'ua impeto, n'uma ferocidade
bravia, os punhos cerrados, os dentes
de fóra, os musculosos braços retesos,
n'um medonho aspecto de furia, e
e atirando-o violentamente ao chão,
levou uma das mãos á cinta, onde cos-
tumava traser a faca. Todos, então,
correram, procuraram intervir:

— Obega! Obega! Não o mates, não
o mates!

Mas, o rapaz, subitamente, agi-
tou o ferro no ar, e varias vezes afo-
gou-o no corpo do italiano.

E sahíu correndo e rosnando, entre
allucinado e medroso, n'um tom in-
disível:

— Matei-o! Matei-o!

VIRGILIO VARZEA

Santa Catharina; Desterro, 18 de No-
vembro de 1837.

LUTO DO CÉO

LENAU

Na face do tranquillo firmamento,
Pesada nuvem de tormentos cheia,
Passa como um sombrio pensamento.
E como um homem que lhe falta a calma
E no leito se estorce, inquieto n'alma,
E cada vez mais lucha e mais aneia,
Assim aa vento, a cabelleira hirsuta
Do acre espinheiro encrespa-se na lucha

O céu no fundo coração ferido,
Na taba do trovão a magua exbala
Em surdo e triste e languido gemido.
Febri!l agita a palpebra soabria,
Tal como os olhos quando o pranto espia,
Quando a lagryma dentro d'elles falla,
E da palpebra triste incandescente
Pallida luz escapa de repente.

Agora sobem do pantano medonho
Frias exhalações e nevoeiros
Leves se formam como um véu tristonho
O céu, então, de todo mergulhado
Em sua scisma lugubre, maguado,
Os dedos debeis como derradeiros
Raios de um sol que move, estende e volta
A frouxa mão e o sol com tedio solta.

GUIMARÃES PASSOS

Rio—2—16—88.

THEATROS E DIVERSÕES

JOÃO GUTEMBERG

Hontem, 420º anniversario do passa-
mento do inventor da imprensa, João
Gutenberg, o club abolicionista deste
nome, o commemorou, promovendo um
grande festival, com sessão solemne, no

Imperial Theatro S. Pedro de Alcantara

Todo o programma foi perfeitamente
realizado, e a sessão esteve na altura
do grande facto. A imprensa da Côte,
sem nehuma distincção fes-se represen-
tar, e muitas forão as associações, e
commissões delegadas presentes. O
vasto salão do theatro estava cheio, e
tudo ali estava para engrandecer mais
a grande solemnidade.

SANT'ANNA

Vai de paz em fóra a empreza do
Sant'Anna, com as representações da
Dama de Espadas. Todas as noites o
theatro enche-se para applaudir a Vi-
liot a Herminia ou Guilherme de Aguiar,
e, ter mais uma occasião de admirar o
talento musical de Aldon Milanez. Na
quarta-feira, para consolar ao Vasques,
o Heller deu-lhe o *Amor Molhado*, essa
opereta, onde Massart, a Villiot e Her-
minia tanto se distinguem, e o Peixoto
sabe-nos um optimo tenente general
medieval. Na sexta-feira veio de novo a
Dama de Espada, e hoje a mesma.

RECREIO DRAMATICO

Já completou meio... eentenario a
Grande Avenida. Tambem quem é, que
não gosta d'aquillo, que está mesmo ao
corrente de nosso bom gosto artistico
Só para se ouvir e se ver a Bellegrand,
é a gente capás de qualquer sacrificio.
Que enchentes, e que calor... partidista.
Está fazendo o diabo o Juca, isto é, o
Recreio.

LUCINDA

No dia 21—a zarzuela — *O Juramento*,
musica de Gastambide.

E' uma das melhores peças do reper-
torio moderno.

Mais uma vez a cantora Plá paten-
teou a sua accentuadissima organisa-
ção artistica, superando todas as diffi-
culdades, que se lhe apresentam em
todas as peças em que toma parte.
Voz flexibilissima, accomoda-se a to-
das as exigencias de musica.

O bailado burlesco — *Hontem e hoje*
com que terminou o spectaculo agra-
dou bastante.

Mereceram os applausos da noite a
Sra. Plá e os Sr. Garrido e Duran.

Agradou immensa a Zarzuela — *Ma-
rina*, á scena no dia 23.

O tenor D. Romeu, a Sra. Durau e
Senorita Campos cantaram os princi-
paes papeis.

CONCERTOS POPULARES

Brevemente terá logar o primeiro
concerto da segunda serie, desta uti-
lissima associação fundada e dirigida
pelo distincto maestro Carlos de Mes-
quita.

Para provar a influencia destes con-
certos no gosto do publico, basta notar
a grande aceitação que tiveram o anno
passado no theatro S. Pedro de Al-
cantara.

FLAVA DÉA

A OZORIO DUQUEU ESTRADA

Das discretas persianas pelas fendas
Cuidadosos passai, raios brilhantes
Do sol! segui-os meu olhar! Instantes
Raros vos mostrão as mais raras prendas.

Como das ondas das pagãs legendas
Subito surgem deusas triumphantes,
Saltão-lbe as formas niveas, palpitaes
Da branca espuma das nevadas rendas.

Agora uma; agora a outra pôma;
O ventre agora; agora...—que anciedade!—
Curva por curva o corpo todo assoma.

Sol e olhar, mais avidos! — pois bade
Ao desprender-se farta a loura côma
Vellar da Deusa a nua magestade.

EMILIO DE MENEZES

FACTOS E NOTICIAS

RETIRO LITTERARIO PORTUGUEZ

Ante-hontem 23, celebrou esta socie-
dade uma sessão litteraria. Foi admit-
tido para socio contribuinte o Sr. Do-
mingos José de Lemos, proposto pelo
Sr. Manoel Maria de Castro.

Enviou o Sr. Bento José Coelho Bar-
bosa o livro—*L'oeuvre complète* de Victor
Hugo.

O Sr. G. Bellegarde enviou a biogra-
phia do literatto Manoel de Mello.

Da secretaria da camara dos Srs.
deputados receberam-se 4 volumes dos
annaes do parlamento brasileiro.

Na 2ª parte occupou a tribuna o
Sr. Dr. Celestino Vicente e tratou da
circulação sanguinea nos mamiferos.
Seguiu-se o Sr. Caetano de Castro e leu
a primorosa biographia de Manoel de
Mello feita pelo Sr. G. Bellegarde.

O Sr. Leite Guimarães fez uma con-
ferencia sobre a vida e obras do illustre
philosopho francez Emile Littré, sendo
muito applaudido ao deixar a tribuna.

Recitou o Sr. Antonio de Lima um
lindo soneto de lavra propria.

Fallou o Sr. Antonio Augusto Cesar
dos Santos sobre a maçonaria.

Recitou com sentimento o Sr. José
Dias Moreira um bello soneto seu.

O Sr. José Pereira de Souza recitou
um soneto do D. João, de Guerra Jun-
queiro.

Ficou marcada a proxima quinta-
feira para discutir-se o thema: —O pa-
pado na actualidade é util ou preju-
dicial aos povos?

Levantou-se a sessão ás 10 horas.

O nosso particular amigo, o talentoso
maestro Sr. Alberto Nepomoceno, pre-
tende, com o apoio de distinctos musi-
cos e amadores, iniciar uma série de
concertos, em um dos theatros desta
côte.

O nosso amigo Sr. Eugenio de Car-
valho concluiu uma comedia em verso
om un acto, intitulada *Como o Demo
as Armas*. Nos reservamos de dizer ao
publico, do merito artistico da peça,
que, por seu auctor o distincto poeta
Eugenio de Carvalho, se recommenda.

Não a vimos lér, mas, quem a conhece
nos assegura, que o trabalho do nosso
amigo é completo, pela correção me-
trica do verso, phrase ampta, suave e
bem delineada.

Que nos dê o nosso amigo, o prazer
de ver a sua peça posta em scena.

Em fins de Março apparecerá em
volumo o *Inferno* e a *Divina Comedia*,
traducción terminada em 1883 pelo fal-
lecido poeta José Pedro Xavier Pi-
nheiro.

A traducção é feita em versos rí-
mados.

E' editor o Sr. José Luiz de Freitas.

ELLA E O CÉO

Arrta o vento, tropego assobia,
Em cyclones retorcem-se as rajadas;
O sol tranquillo vae e entre as nuvens
Não move-se á impulsão da ventania.

Como febril enfermo o ardente dia
Respira ancioso e turvo ás baforadas
Neventas franjas de ouro desgrenhadas
Serpeam pelo espaço á reveria.

Sorrindo a moça distrahida a um canto
Da janella, pensava no vindouro
De olhar erguido voluptuoso e santo

Plumoso esvoaça o seu diadema louro:
Rebrilha o céu azul no olhar, enquanto
Copia o azul do céu as tranças de ouro.

J. MORAES SILVA

PERDIDA

Entre a mortiga cinza do passado
Vive ainda em meu peito o teu amor,
E agora mais que nunca, anjo adorado,
E' intenso, voraz, dominador,

Eu bem sei que não mais te lembras, flor,
D'esse tempo feliz e malogrado,
Em que a desdita do meu duro fado
Mudára os risos em tristeza e dor.

Hoje ao ver-te mais bella e seductora
Só me resta soffrer, chorar agora,
As caricias que esse amor continha.

Comtudo, na vizão do pensamento,
Em noite em que o cume é forte e lento,
Adormeço sonbando q'inda és minha.

JOSE DIAS MOREIRA

Corte—20—2—88.

Diversas Publicações

Jornal dos Economistas, anno 3º, n. 3,
bem elaborado como sempre e trazendo
o seguinte summario:

Praça do mercado—Protecção á frau-
de estrangeira—A agricultura e o livre

cambio—Moinhos de trigo—Productos brazileiros em mercados estrangeiros—Aos collegas da imprensa—Estatistica—Situação economica da Hespanha—Bibliographia—Administração da marinha—Indicações e annuncios.

A *Immigração*, boletim n. 41, excellente periodico incansavel em advogar os interesses do Brazil, tratando com afincio da substituição do trabalho.

O *Brazil Medico*, n. 7, anno 2º.

O presente numero desta utilissima revista está, como os antecedentes, digna de attenta leitura.

O *Norte do Brazil*, cuja publicação foi agora encetada na capital da opulenta Amazonas.

Promette o novo collega não se immiscuir em politica, no que achamos que não anda mal, trazendo, contudo, os seus leitores «ao corrente das melhores novidades politicas, sociaes, commerciaes, litterarias, scientificas e artisticas, submettendo-as tanto quanto seja preciso aos commentarios que suggerirem.»

Vida longa é o que desejamos ao collega.

A *Republica*, do Recife, que acaba de entrar no seu segundo anno de existencia pelo terreno da propaganda no qual se tem sabido manter com energia, convicção e independencia.

A *queda de um anjo*, magnifico romance de Camillo Castello Branco.

A publicação desse bello livro, que está sendo distribuido aos fasciculos, ha de trazer numerosos assignantes para a empreza que em tão boa hora se lembrou de faz-la.

União Medica, fasciculo 2º do 8º anno. Esta excellente revista do Sr. Dr. Vieira de Mello, cada vez mais eleva os seus credits, e mais, de dia para dia, se torna necessaria não só aos profissionais, como aos leigos em materia de medicina. O presente numero traz excellentes artigos sobre diversos assumptos de palpitante interesse. Recomendamo-lo ao publico.

Notas á margem, n. 5.

No presente numero, que, como os precedentes, é escripto com o *humour* e correção que só Valentim Magalhães conhece, trata o illustre escriptor exclusivamente de S. Paulo. Não será preciso mais para que a gente conheça a Paulicéa, do que ler as *Notas*. E isso em linguagem amena, facil e fluente. Magnifico o 5º numero das *Notas*.

Il Brazil, anno 2º, n. 2.

Incontestavelmente de grande utilidade para a nossa patria, porque leva

ao estrangeiro a noticia das nossas riquezas e da nossa hospitalidade, principalmente no que diz respeito á immigração, é esta revista digna do maior auxilio publico. O numero presente, além de noticias sobre algumas provincias, estuda comparativamente o Brazil e o Egypto e traz um excellente artigo sobre immigração, além de mais outros igualmente dignos de leitura.

Conferencia, feita pelo Dr. Alberto Salles, no Club Republicano, de Campinas—A organização partidaria, e estudo critico sobre disciplina.—

E' esta conferencia mais uma affirmação ao juizo que faziamos da intelligencia e vasta erudição do seu actor.

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil 4º folheto de 1887.

Contem este volume as seguintes materias. A revolução da Bahia de 7 de Novembro de 1837 e o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, pelo Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake; Diccionario Historico e Geographico das campanhas do Estado Oriental do Uruguay e Paraguay pelo major de artilharia João Vicente Leite de Castro; Notas biographicas do commendador José Pedro da Silva; Actos das sessões de 1887; Sessão Magna anniversario do Instituto Historico e Geographico Brazileira, no dia 15 de Dezembro de 1887; discurso do Presidente, commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva; relatório do 1º Secretario, discurso do orador o Exm. Senador Alfredo d'Escragnolle Taunay; como se vê do summario acima, é um numero cheio de interesse e de instructiva leitura.

Relatorio da Comissão Salvadora do Retiro Litterario Portuguez.

Relatorio do Retiro Litterario Portuguez, apresentado em 31 de Dezembro de 1887, pela directoria eleita em 21 de Abril do mesmo anno. Este relatório é illustrado com os retratos dos moldos que serviram durante aquelle anno. Por elle se pôde ver quanto é util essa associação portugueza que no seu longo estadio de 20 annos tem prestado os mais relevantes serviços não só aos seus patricios, como ainda aos brazileiros, quer mantendo aulas onde é gratuitamente fornecida a instrução, quer conservando as suas sessões litterarias semanues, em que muito tem a lucrar os que a frequentam, pela discussão sempre instinctiva e erudita que nellas se trava. Felicítamos ex-corde o Retiro Litterario Portuguez.

Pelo illustrado Sr. Dr. J. M. da Gama Berquó nos foi remettido o seu trabalho de historia dividido em dois volumes, sendo o 1º da do Oriente, e o 2º contendo a da Grecia e Roma.

A encadernação é nitida, e o livro feito com muito zelo, correção, e muita ordem na exposição dos factos. De seu grande valor, e utilidade pratica são os livros do illustre Sr. Dr. Berquó, e

por isso nos eecusamos de recomendar ao publico, e lhe ficamos grato pelo brinde.

A *Grande Reforma*, social e economica do Brazil, é o titulo de um pequeno pampheto que recebemos. Contem estudos de um democrata, e devem ser boas as idéas sustentadas.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Hospicio 102.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Alvares matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Afonso Celso Junior. A sair do prelo. Preço de volume: 2\$000.

Constructores de machas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos & Haas.—Juiz de Fora.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Dr. André Rangel.—C. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua Conde de Lage n. 14.

F. Navarro do M. Salles — encarga-se de defezas perante o jury Muzambinho—Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior, continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel na cidade Ouro Fino,

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase pancreatina, preparado por Monteiro & Marques.

Dr. Araujo Filho—Medico parteiro; Residencia, rua Viscondado Rio Branco, n. 96

Julio Cozar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

Hotel das Familias dirigido por A. M. do Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Agrimensores.—Dois Agrimensores com grande pratica de trabalhos de Campo encarregam-se de qualquer serviço de sua profissão, tanto fora como dentro desta Côrto. Informa-se na *Semana*.

Dr. Aristides Spinola—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Rodrigues Lima—Medico parteiro, rua de S. Pedro n. 56.

Dr. Virgilio Gordilho—Advogado, rua do General Camara n. 36.

Dr. Leonel Roza — Advogado. Escriptorio rua do Rozario n. 136.

Dr. Coelho Lisboa—Advogado rua dos Ourives n. 21.

Dr. Ratisbona Filho—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Luiz Murat.—Advogado, rua da Quitanda n. 51.

Dr. Aristidos Lobo—Advogado, rua dos Ourives n. 21.

Dr. João Ribeiro—Medico e especialista em molestias de criança o siphilis, rua de S. Amaro n. 18.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôdo ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

LYCEU AMERICANO

EXTERNATO DE HUMANIDADES

42 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 42

ABRIR-SE-HA NO DIA 1 DE MARÇO DO CORRENTE

CORPO DOCENTE

| | |
|-------------------------------|--|
| Dr. C. Camarano..... | Geographia e Historia geral. |
| Eduardo von Sydow..... | Alemão. |
| Dr. Felix C. de Almeida..... | Physica e Rhetorica. |
| Dr. João d'Avila Franca..... | Mathematicas, Elementar e Superior. |
| Dr. José de Oliveira..... | Portuguez e Historia. |
| Maximino Maciel..... | Chimica e Botanica. |
| Dr. Peçegueiro do Amaral..... | Francez, Geographia e Hist. do Brazil. |
| Raul Villa Lobos..... | Inglez e Philosophia. |
| Viriato Guimarães..... | |

Matriculas do dia 20 em diante do meio-dia ás 2 horas, no estabelecimento.